



Estranha forma de vida

Já não tenho nome. Tive um, algures no tempo, mas esqueci-me dele num beco qualquer de uma cidade desconhecida. Era mais uma forma de me sentir rotulada...

Também não tenho idade: sempre uns me deram mais pela forma de falar, outros deram menos pelo meu aspecto “pequeno”.

Ah, também não tenho nacionalidade. Mas também, que importa?

Aqui sou eu. Uma mulher do mundo, e isso basta.

O passado já não me assombra, nem o futuro me preocupa.

O presente? Oh, esse chega em forma de beijo desembrulhado aos que o quiserem receber, ao som de um qualquer abraço descompassado.

Cheguei, sem querer mas ao mesmo tempo com todo o meu desejo, a uma ilha. O mar apagou a realidade que um dia fui – e que tinha escrito, com grãos de açúcar na areia, para não me esquecer.

A água que rodeia esta ilha é doce e, por isso, faz parte dos sonhos e das fantasias. Porque estes também são doces.

É por isso que a idade aqui não vigora, e podemos ser tudo. No fundo, seremos sempre nós, mas na época que quisermos e sem “porquês”. E o tempo passa mas não nos leva nada.

Quem sai da ilha não volta mais, porque este tempo não permite a lembrança do caminho.

Chegámos, ponto final.

A humanidade tem cada vez menos loucos saudáveis e, com grande tristeza da minha parte, cada vez mais loucos perversos.

O destino do mundo transforma-se a olhos vistos e estas ilhas de mar doce serão cada vez mais ricas, porque menos povoadas e menos conhecidos. Os poetas e sonhadores, os exploradores de uma nova e singular forma de vida já são quase uma raça em vias de extinção.

Quem inventará depois os sonhos e as fantasias e as aventuras? Quem contará depois que um dia fomos os heróis do mundo, e que poderemos – se quisermos – sê-lo todos os dias?

Histórias para contar a um país que não sabe onde deixou os próprios sonhos: é isto que somos, afinal.

Uma estranha forma de vida...